

A sociedade de funcionários públicos

Imagine uma sociedade que pague quase 40% de tudo que produz em impostos. Por certo, esse povo possui os melhores serviços públicos do mundo, não? Infelizmente, não é bem a verdade. Apesar da altíssima carga tributária, o Estado brasileiro figura entre os piores administradores públicos do globo. Muitos teóricos propuseram propostas e mais propostas sobre por que esse paradoxo acontece. A resposta, invariavelmente, está no cidadão.

O carro morreu no meio de uma avenida movimentada. Aflito, o executivo atarefado recorre a um mecânico do outro lado da estrada em busca de socorro. Mesmo cheio de compromissos e reuniões, o executivo fica ao lado de seu carro observando o trabalho do mecânico. Não é para menos, afinal está mexendo em sua propriedade. E deveria ser assim na nossa imensa propriedade chamada Brasil. Os governos são como nossos mecânicos. Qualquer folga que dermos, lá estão eles trocando peças novas por velhas, fazendo-nos pagar gato por lebre.

Ao contrário disso, a população brasileira ainda não se deu conta de que para os governos prestarem um bom serviço à nação é implícita a existência de uma "pressão de demanda". Isto porque, nenhum indivíduo age (racionalmente) por benevolência. Todos agimos por auto-interesse. No caso dos governos, não há auto-interesse em servir bem a sociedade, com serviços eficientes. O que existe é propensão natural à corrupção, aos desvios de dinheiro público e todo tipo de crime contra o Estado. É a essência humana. Não se condena esse fato. O problema está justamente em ir contra isso. Colocar uma raposa para cuidar do galinheiro. O desfecho é previsível.

Daí, para que exista eficiência na administração pública é necessário que as instituições sofram pressão. Por exemplo, a estabilidade no serviço público é um estímulo à ineficiência. Por que melhorar meu serviço se não posso ser demitido? Por que atender bem o público se eles nada podem fazer comigo? O que existe é por suposto, toda uma estrutura voltada para a perpetuação de regalias e privilégios. Não é de se espantar que nosso Estado seja ineficiente.

A onda de privatizações da década de 90 sofreu uma imensidão de protestos de todos os cantos. A maioria de sindicalistas tentando manter os empregos dos funcionários das estatais, querendo manter por sinal uma série de privilégios. Por eles, as estatais das telecomunicações, por exemplo, seriam aqueles colossos que foram desde a década de 70. Um mar de ineficiência, de má administração dos recursos públicos, falta de transparência e péssimos serviços prestados. E manter tudo isso por que? Simples, para que a estabilidade dos empregos não fosse afetada.

Nossa "ética do privilégio", conforme nos ensina o antropólogo Roberto Da Matta, está por toda a parte e ajuda a entender o porque de não existir essa pressão a eficiência do Estado. Ora, vivemos em uma sociedade onde o sonho de 70% a 80% da classe média é pertencer à folha de pagamento do *Big Brother*. Por que querer cortar os privilégios do funcionalismo público se amanhã posso estar entre eles?

Mas existem nichos de serviço público eficiente? Sim, claro que existem. Entretanto, esses nichos estão presos à mesma relação de privilégio. O caso das universidades públicas parece ser o mais atual para ilustrar o assunto. Todos concordamos que elas oferecem um ensino um pouco melhor do que a maioria das universidades privadas. Quem estuda nelas? Os filhos da nossa classe média, cujo sonho é ser funcionária pública. Foi só falar de "cotas sociais" nas faculdades públicas que essa mesma classe média saiu às ruas falando em melhoria do ensino público básico. Agora parecem concordar em melhorias no ensino básico. Antes tarde do que nunca.

Enquanto existir essa visão atrasada de manutenção de privilégios o Brasil não conseguirá sair de seu estado de subdesenvolvimento. Um cargo público não pode ser o posto mais alto a ser conquistado dentro de uma sociedade moderna e capitalista. Isso vai contra um sistema onde o ente empreendedor é o seu motor de funcionamento. Onde a inovação e as leis de mercado fazem todo o resto progredir. Ou o Brasil admite-se um país capitalista e começa a agir como tal ou acabará sendo uma sociedade de funcionários públicos, obsoleta e condenada ao fracasso.

Vítor Wilher